

CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS: DA GRAMÁTICA COMPARADA A SAUSSURE

Concepts of language and language on linguistic studies: from comparative grammar to Saussure

Thiago Barbosa Soares¹

¹Professor adjunto do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no câmpus de Porto Nacional. *E-mail*: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Data do recebimento: 11/03/2021 - Data do aceite: 02/09/2021

RESUMO: Este artigo tem por objetivo compreender algumas concepções de língua e linguagem nos estudos linguísticos recortando, para isso, o marco inicial da gramática comparada até a consolidação da linguística moderna por Saussure. Para tanto, discutimos, de forma narrativa, o papel da língua e da linguagem nos estudos linguísticos e, com isso, alvitramos os campos adjacentes a extrair tanto os métodos quanto o modo de produção teórica das pesquisas sobre a língua. Assim, rastrear os mecanismos de produção de concepções de língua e linguagem enseja uma via de acesso revisional às principais ideias presentes no interior desta segmentação prevista para esta investigação. Desse modo, visando ao traçado deste percurso, averiguaremos como noções de língua e linguagem e suas modificações são tratadas no transcorrer da gramática comparada até a disseminação das ideias de Saussure, através de uma pesquisa bibliográfica de revisão de cunho qualitativo.

Palavras-chave: História. Concepções. Linguística.

ABSTRACT: This article aims to understand some conceptions of language in linguistic studies approaching the initial framework of comparative grammar until the consolidation of modern linguistics by Saussure. Thus, the role of language in linguistic studies was discussed and, this way, the adjacent fields were encouraged to extract both the methods and the theoretical production mode of language research. Thus, tracking the mechanisms of production of

language conceptions and language provides the access to review the main ideas present within this segmentation foreseen for this investigation. In this way, aiming to outline this path, notions of language and their modifications will be investigated in order to see how they are treated in the course of the comparative grammar until the dissemination of Saussure's ideas, through a qualitative literature review.

Keywords: history. Conceptions. Linguistics.

Considerações iniciais

A linguística moderna tem suas raízes nos estudos da linguagem que remontam aos gregos da antiguidade. Portanto, estudar a linguagem e a língua é, desde muito tempo, um dos prazeres que o homem se impôs a fazer, todavia a formação do método linguístico se consolidou com rigor em meados do século XVII. É a partir dessa consolidação que trataremos de algumas concepções de língua nos estudos linguísticos, aqui concebidos a partir da gramática comparada até a disseminação das ideias de Saussure.

Para fazer-se um recenseamento significativo de concepções de língua nos estudos linguísticos, cabe um interesse genuíno: produzir uma síntese que seja capaz de trazer o máximo de conhecimento sem grandes prejuízos quanto à perda de conteúdos importantes para o público que dele poderá fazer uso. Invariavelmente as reduções e suas imperfeições configuram a tentativa de aproximar as mais heterogêneas vertentes do pensamento linguístico daqueles que, ao apreenderem em seus matizes, conseguirão fazer as relações mais significativas da prática com sua origem teórica. O confronto entre bases epistemológicas distintas no decorrer das formulações de diversos estudiosos e cientistas da linguagem, por mais embrionário que seja neste artigo, deixa ver campos que nasceram, deram frutos e continuam produzindo saber acerca do homem e de como a linguagem o constitui como ser simbólico.

Portanto, devem ficar claros os objetivos que animam e dão corpo a este artigo, pois tocam a sincera vontade de iniciar, de maneira clara, direta e simples, os estudantes de graduação e de pós-graduação em Letras, Linguística, Comunicação Social e áreas correlatas, que tratam da linguagem como um dos principais meios de relação entre os sujeitos, aos principais caminhos tracejados pela Linguística em seus desdobramentos históricos cujos ecos se fazem sentir até os dias atuais. O propósito maior a que se destina é compreender algumas concepções de língua e linguagem nos estudos linguísticos, recortando, para isso, o marco inicial da gramática comparada até a consolidação da linguística moderna por Saussure. Para tanto, discutimos, de forma narrativa, o papel da língua e da linguagem nos estudos linguísticos e, com isso, alvitramos os campos adjacentes a extrair tanto os métodos quanto o modo de produção teórica das pesquisas sobre a língua.

Concepções de língua nos estudos linguísticos

A impulsão dos estudos em ciências da linguagem deu-se em 1784 com a “descoberta” do sânscrito, passando pelo crivo de William Jones (1746 - 1794), que destacou o fato de que essa língua, da qual deriva o híndi (língua indo-ariana, descendente direta do sânscrito védico), tinha afinidades com o latim e o grego. William Jones supôs haver

algum parentesco entre línguas assemelhadas, como também o gótico e o celta. Desse modo, ele desenvolveu duas grandes teses importantes para a consolidação da investigação em linguística moderna: a do *parentesco linguístico* e a do *protótipo comum* (LEROY, 1971).

Assim, surgiu a noção de gramática comparada, terminologia cristalizada por Friedrich von Schlegel (1772 - 1829); seu irmão August Wilhelm Schlegel (1767 - 1845), propôs uma tipologia para as línguas, a saber, *isolantes* (não possuidoras de flexão, de maneira que as informações gramaticais propagadas por flexão em línguas flexionais fossem expressas por palavras invariáveis (LYONS, 1979), *afixantes* (possuidoras de morfemas que modificam o sentido de itens lexicais não aglutinantes) e *flexionais* (possuidoras de morfemas modificadores do sentido de itens lexicais invariavelmente aglutinantes), posteriormente usada por Alexander von Humboldt (1769 - 1859). Mas foi com Jacob Grimm (1785 - 1863), no início do século XIX e a partir de seus estudos comparados do latim, do grego e do gótico, que surgiu a *Lei de Grimm* – em exemplo, onde nas línguas germânicas havia graficamente um “f”, no latim e no grego comportavam um “p”. Entretanto, a mudança fonética derivada dessa observação, entre outras, mesmo sendo uma tendência geral, não era observada em todos os casos. Um fato comumente levantado para sustentar a *Lei de Grimm* era a relação entre o “lat. *pater* e o gót. *fadar*” (LEROY, 1971, p. 52).

Uma ideia fundante nesse período foi a de mudança linguística desenvolvida pelo dinamarquês Rasmus Rask (1787 - 1832), que, ao comparar a forma de numerosas palavras de diferentes línguas, demonstrou o parentesco que sons de uma língua estabeleciam com outra, consubstanciando o postulado naturalista de estabilidade das espécies e, por conseguinte, das línguas. Rask divergiu de

muitos linguistas de sua época, porquanto não concordava com a hipótese da língua-mãe, cujo principal defensor era Franz Bopp (1791 - 1867). Este foi um dos cientistas alemães adeptos da ideia da língua como organismo linguístico. Em sua época muitos estudiosos acreditavam no sânscrito como o tronco inicial do qual todas as línguas indoeuropeias derivariam ao final de uma longa transformação por um dos processos de organização flexional das línguas, resultante de um estado de afixação em um passado remoto.

Salientou-se outro aspecto dentro da gramática comparada: a antropologia linguística de Wilhelm von Humboldt (1767 - 1835) (TRASK, 2013) restituiu a concepção de língua como expressão do gênio popular. Nesse sentido, Humboldt defendeu a relação de um material sonoro cada vez mais específico que articulava representações semânticas que concebiam a noção de forma interna da linguagem. Tal teorização foi considerada uma aproximação do esquematismo kantiano (de maneira bastante simplista, o esquematismo kantiano pode ser entendido como a capacidade humana de subsumir conceitos universais a partir de critérios dedutíveis tanto de uma razão transcendentalmente pura quanto de uma razão empiricamente prática).

Posto isto, pode-se dizer que Humboldt prosseguiu suas pesquisas por ter reconhecido três princípios: 1) um que alvitava que a linguagem era um modo de atividade do espírito; 2) outro que percebia a linguagem como unificadora da dimensão espiritual e da material, sonora, ou seja, segundo este princípio a linguagem seria um receptáculo do espírito para se exprimir através da matéria; 3) e o último, que compreendia a forma interna da linguagem como determinante para uma organização particular de cada idioma. Portanto, Humboldt acreditava que a língua e o pensamento eram faces de uma mesma moeda. Daí sua afirmação de que a essência da língua provinha de uma atividade

criadora e dinâmica (*energeia*) que, por sua vez, diferenciava-se de seu produto (*ergon*) imediatamente perceptível, isto é, do uso da língua (CARBONI, 2012).

Paralelamente aos trabalhos de Humboldt, encontravam-se os de August Schleicher (1821 - 1868). No declínio do comparativismo estava a Linguística histórica de Schleicher, constituindo ao mesmo tempo uma síntese e uma superação de Rask e Bopp. Seu método comparatista tinha por finalidade reconstituir os intervalos que separam duas línguas aparentadas. Schleicher recusava o postulado de que o sânscrito constituiria a língua-mãe, portanto formulou a hipótese do indo-europeu, e partindo dessa conjectura todo empreendimento comparatista redefiniu-se em Linguística histórica. Assim, a linguística histórica visava a reconstruir os lapsos dos estados de evolução das línguas (PAVEAU; SARFATI, 2006). Dessa forma, o esforço de Schleicher marcou duas inovações metodológicas: a) o esquema de árvore genealógica em linguística; b) e a reconstrução do indo-europeu primitivo.

Schleicher, de modo semelhante a Bopp, considerou as línguas como organismos vivos, distinguindo nelas dois grandes e diferentes estados de evolução: um pré-histórico, marcado pela emergência das informações cada vez mais complexas; outro, um estado histórico caracterizado por involução da organização formal das línguas. Assim, Schleicher divergia de Humboldt no que concerne à avaliação filosófica das diferenças idiomáticas, porém partilhava com este a herança das gramáticas gerais e a convicção de que a linguagem representava uma formalização sonora do pensamento, o que influenciou muitos outros cientistas da época (PAVEAU; SARFATI, 2006). Com o positivismo sendo a principal vertente metodológica aplicada nas ciências, a gramática comparada perdeu fôlego por conta da crítica ao historicismo. Um dos primeiros a receber as críticas dos

autoproclamados neogramáticos foi Schleicher, seguido por Humboldt. Esses linguistas positivistas, os neogramáticos, afirmavam o primado das *leis fonéticas*, cujas análises deveriam produzir explicações das causas que conduzissem às mudanças linguísticas. Com tal intuito empregaram a observação indutiva e dedutiva utilizadas como perspectivas explicativas e interpretativas das ciências. É nesse contexto que a natureza das mudanças linguísticas foi ratificada como advinda das ações mecânicas em relação às quais a vontade humana nada valia. Ao lado da causa mecânica (articulatória), aventou-se a tendência à analogia pertencente ao plano psicológico – A analogia será vista como a porta “pela qual vão se precipitar o formalismo e o subjetivismo” (MALDIDIÉ, 2017, p. 32), depois que o *Curso de linguística geral* (CLG) a tratar como mecanismo interno à língua e “de ordem psicológica” (cf. SAUSSURE, 1972, p. 191) –. Dessa forma, portanto, a lei da analogia possuía em sua base formal duas causas: a lei fonética (causa articulatória) e a causa psicológica.

Segundo Orlandi, “A grande contribuição das gramáticas comparadas foi evidenciar que as mudanças são regulares, têm uma direção. Não são caóticas, como se pensava” (ORLANDI, 2012, p. 14). Realmente figurava entre as grandes contribuições desses novos comparativistas o fato de denunciarem o caráter ilusório da escrita em relação à fala e, conseqüentemente, de elegerem, portanto, os sons como objetos de suas análises. Foi a partir desse ponto de vista que emergiu a Dialectologia, que reexaminou as repartições difusas de mudanças ocorrentes em distintas regiões geográficas. Aqui nasciam debates teóricos que envolveram três grandes problemas, a saber, a função e a natureza da linguagem seguidas do estatuto da ciência linguística.

Para a reflexão sobre a função da linguagem, Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778)

articulou duas teses. A primeira referia-se a um estado primeiro da natureza da linguagem em que eram expressas as emoções, enquanto na segunda, em um estado mais tardio, a linguagem era rebaixada à expressão das necessidades. Quanto a segunda tese, Rousseau avaliou: “Pretende-se que os homens tenham inventado a palavra para expressar suas necessidades: essa opinião parece-me insustentável” (ROUSSEAU, 2008, p. 103). Os neogramáticos romperam com tais concepções preconizando uma função comunicativa da linguagem. No tocante à natureza da linguagem, houve uma forte conceituação dessa como um organismo vivo por uma boa parte dos neogramáticos. Foi, então, nesse momento histórico que o estatuto científico da linguística passou por uma revisão metodológica em conjunto com outras ciências, haja vista a emergência gradual do positivismo. Porém, foi com o norte-americano William Dwight Whitney (1827 - 1894) que surgiu a ideia de uma Linguística Geral: “A ciência física, de um lado, e a psicologia, do outro, estão competindo para tomar posse da ciência linguística, que na verdade não pertence a nenhuma delas” (WHITNEY, 1875 apud WEEDWOOD, 2002, p. 95).

Para Whitney, o estudo dos fatos de linguagem foi priorizado. O estudioso também propôs limites à linguística, tais como a recusa da perspectiva metafísica e teológica escutada pela distinção ente linguística e psicologia, além de tentar equilibrar o antigo e o novo, hierarquizando dados vindos do comparativismo e da ciência da linguagem, os quais desembocaram na faculdade de linguagem (PAVEAU; SARFATI, 2006).

Nesse sentido o linguista norte-americano instaurou a linguagem como faculdade antropológica (capacidade do povo) e como a atividade *linguagreira* específica ligada ao domínio de uma língua (produto adquirido). Foi essa distinção que fortemente caracterizou a transmissão e a aprendizagem da linguagem

como atividade histórico-cultural. Assim, sem negligenciar a contribuição individual, a linguagem foi concebida como uma obra coletiva. Sobre esse entrelaçamento dinâmico, Whitney asseverou que ninguém se dá conta do uso que faz da linguagem, embora saiba que a use, ou seja, existe o caráter “inconsciente” na faculdade da linguagem.

Ainda para o linguista norte-americano, o ponto de vista utilitarista prevaleceu, pois a língua continuou a ser vista, de sua perspectiva, como meio de comunicação. Whitney promoveu, então, uma ruptura, mormente, com a concepção de língua como instituição em que os signos são ao mesmo tempo convencionais e arbitrários (o *Curso de linguística geral* tratou com bastante propriedade desse aspecto) e com o desnudamento da supressão do traço humano da linguagem. Criticou, ainda, o postulado de assimilação das leis linguísticas às leis naturais (presentes nas obras de Schleicher).

Nessa toada, a gramática comparada ganhou com Gaston Paris (1839 - 1903) uma roupagem que lhe permitiu promover uma filologia científica; mas foi com o aluno de Paris Jules Gilliéron (1854 - 1926) que os estudos da linguagem, através da dialetologia, ganharam força na França. No interior de uma sociedade extremamente puritana, Gilliéron fundou uma geografia linguística, que teve como um de seus representantes Paul Passy (1859 - 1939), cuja reflexão se deu no âmbito das restrições da forma ortográfica em detrimento das formas orais. Outros que aprofundaram pontos da incipiente ciência da linguagem dessa época foram Arsène Darmesteter, Michel Bréal e Paul Jules Antoine Meillet.

Darmesteter (1846 - 1888) foi quem sustentou uma concepção naturalista da linguagem, que ele acreditava transpor a ontogênese das significações; contudo, ele não caiu no mito da origem absoluta em meio a um historicismo temperado de seu tempo.

Nessa ótica, o linguista atestou a linguagem como representação do pensamento, ou seja, a palavra foi criada na medida em que exprime o pensamento. Daí surgiu uma psicologia das significações, cuja maior contribuição foi a semântica substancializada em suas principais bases conceituais por Bréal.

Bréal (1832 - 1915) buscou explicar os fatos linguísticos pelo uso linguístico, ao discernir, na tentativa naturalista, o antropomorfismo, cujo estilo metaforizado fazia o pesquisador desconsiderar seu objeto. Ele formulou os postulados concernentes à natureza da linguagem e às mudanças linguísticas, destarte, fundou o domínio da ciência das significações. Bréal evitou usar terminologias demasiado categóricas, o que foi resultante da concepção compreensiva da psicologia social de Gabriel de Tarde (1843 - 1904), que muito provavelmente o influenciou. Desse modo, o paralelo que existia entre Bréal e os neogramáticos ficou relativamente claro, pois se por um lado ele diferia deles quanto ao objeto de investigação, por outro as orientações da gramática comparada foram as informantes de seu projeto, que, ainda que atenuado, postulou regularidades sistematizáveis, cuja oposição às ciências dos sons passou a se chamar semântica.

A partir dessa configuração geral, o elemento subjetivo recebeu evidência e relevância, na medida em que o semanticista reconheceu que elementos tanto objetivos quanto subjetivos compunham o caráter heterogêneo da linguagem em sua constituição histórica. Então, de acordo com a reconfiguração da linguagem por seu caráter socialmente acumulativo, “Ou seja, a história diz respeito a uma relação do sujeito (do homem) com a linguagem, e há a marca da subjetividade daquele que fala naquilo que fala. E mais que isso: as línguas têm os elementos que marcam essa presença” (GUIMARÃES, 2008, p. 14). A título de exemplo, os tempos verbais expressariam, juntamente com os

diversos recursos lexicais, verbais, sintáticos, “desdobramentos da personalidade humana” (GUIMARÃES, 2008). Tais apontamentos foram, de certa forma, retomados por outros linguistas, como Charles Bally, Émile Benveniste, Oswald Ducrot, entre outros como Paul Jules Antoine Meillet.

Meillet (1866 - 1936) também contribuiu para o desenvolvimento da gramática comparada na França. Entretanto sua perspectiva diferia de seus antecessores, porquanto seu enfoque era movido pelas causas sociais como fonte de mudanças linguísticas. Meillet acreditava que, com as leis fonéticas, a analogia e o empréstimo, a estrutura da sociedade era o quarto princípio de explicação das mudanças linguísticas. Nasceu, então, uma distinção entre a linguística geral e a linguística como ciência social. Esta daria origem a uma das vertentes dos estudos da linguagem, a dialetologia. Assim, Meillet foi, juntamente com Bally, protagonista da emergência da sociolinguística francófona, por resolver a aparente antinomia linguagem/sociedade ao ressocializá-la em individual/coletivo.

Foi a partir dessas contribuições, dos métodos da gramática comparada, aplicada em outros ambientes e por outras menos estancas, que outro corte surgiu com as reflexões do *Curso de Linguística Geral* de Saussure. Nesse sentido, “A mais bela homenagem que se possa prestar à originalidade e ao vigor do pensamento saussuriano é a simples verificação de que, desde então, foi em discutir-lhe as teses que os linguistas empregaram o melhor de suas forças” (LEROY, 1971, p. 74).

O pensamento advindo das anotações de Ferdinand de Saussure (1857 - 1913) formalizou, no interior da reflexão filosófica da época, a linguística moderna a partir da concepção da língua como sistema e da desconstrução do “sujeito psicológico livre” (essa noção implica em uma liberdade absoluta de uso da língua sem levar em conta

as constrações imanentes ao próprio sistema linguístico de toda e qualquer língua). É possível dizer que Saussure consegue pôr fim ou, pelo menos, dar o melhor encaminhamento ao embate entre o naturalismo e o convencionalismo dos nomes levantados por Platão (427 - 347 a. C.) em seu diálogo “Crátilo”, de Platão (2014). Diante disso, Saussure foi consagrado o pai do estruturalismo da concepção de língua como “sistema”, mesmo nunca empregando o termo estrutura.

O mestre de Genebra, ao conceituar a língua, evidenciou uma aparente antinomia fundamental, a distinção entre *langue* e *parole*. A primeira, social, registrada passivamente, psíquica, soma de marcas em cada cérebro e um modelo coletivo, isto é, “A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro” (SAUSSURE, 1972, p. 27). Enquanto a outra individual, ato de vontade e de inteligência. Assim, era correto dizer que a língua era um fato social que poderia, então, ser percebida sob duas perspectivas, individual ou coletiva; o *Curso de Linguística Geral* (CLG) assumiu a segunda como o viés a ser tratado pela linguística.

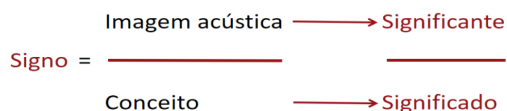
No transcorrer do CLG, chegou-se a diferenciar duas linguísticas: uma sincrônica e outra diacrônica, ou seja, tudo que se relacionasse com o aspecto “estático” seria sincrônico, o que dizia respeito às evoluções era diacrônico. Desse modo, ter-se-ia a linguagem dividida entre língua/fala, e entre sincronia e diacronia, ou seja, essa divisão refletiria os pontos de vista acerca da língua e, conseqüentemente, de seus objetos de estudo. Todavia, a autonomia das investigações desenvolvidas por ambas as perspectivas permitia atribuição de valor entre as unidades linguísticas somente na abordagem sincrônica.

Outro ponto relevante na teoria saussuriana foi a predominância da investigação da língua oral em relação à língua escrita, pois,

em seu entendimento, era preciso, portanto, libertar-se da palavra escrita e estudar os sons da língua, substituir o artificial pelo natural. Ao propor tal contraponto, lançam-se as bases da fonologia e a distinção desta com relação à fonética, haja vista que aquela está fora do tempo, ao passo que essa é uma ciência histórica. Outro aspecto que é de extrema importância desenvolvido é a teoria do signo.

De acordo com o CLG, “O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica (...). Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 1972, p. 80).

Figura 1 - Esquema ilustrativo da composição do signo



Fonte: Soares (2020, p. 29).

O linguista genebrino cindiu com a ideia de que a língua seria a tradutora do pensamento, quer dizer, a língua não era o reflexo da realidade externa nem interna. Partindo desse ponto complexo Saussure destacou a natureza do signo, constituído de significado como conceito, significante como imagem acústica. Portanto, ele articulou fonética (ciência do som material) e fonologia (ciência da imagem acústica) para dar liame a essas duas entidades psíquicas, algo até então ainda por ser feito. O CLG descreve os dois estudos da seguinte forma: “A Fonética é uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações e se move no tempo. A Fonologia se coloca fora do tempo, já que o mecanismo da articulação permanece sempre igual a si mesmo” (SAUSSURE, 1972, p. 43).

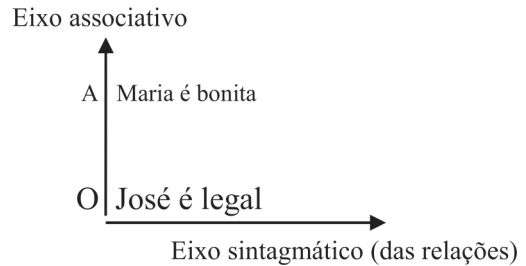
Ao fazer a caracterização do signo, Saussure levantou suas particularidades de

imutabilidade, já que ninguém poderia alterá-lo a seu bel-prazer, e de arbitrariedade da associação entre significado e significante. Como exemplo, o significado irmã tem o significante em inglês (*sister*) e em português o significante (irmã). Saussure percebeu uma relação entre determinadas associações, como o caso de *dezenove*, em que os dois elementos constituintes do significado eram motivados a construir o significante [*dezenove*]. Houve, portanto, um laço tênue de motivação em certas construções linguísticas, isto é, o arbitrário pode ser absoluto ou relativo, imotivado ou motivado. Desse modo, a arbitrariedade concernia ao signo¹, a linearidade concernia somente ao significante, ou seja, havia a consideração de seu caráter temporal.

Ora, as relações para o mestre genebrino eram os principais mecanismos de funcionamento da língua. “Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações” (SAUSSURE, 1972, p. 142). Ele estabeleceu o valor segundo uma relação negativa, pois era somente através do jogo de oposição que os signos adquiriam dotados de valor. “Para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores, basta considerar os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as ideias e os sons” (SAUSSURE, 1972, p. 130).

A partir dessa natureza relacional das unidades do sistema, Saussure situa a atividade da língua em duas esferas: as relações sintagmáticas e as relações associativas, sendo a primeira o encadeamento linear das unidades da língua, e a última, as associações entre palavras, fora da cadeia do discurso. Ou, nas palavras dele: “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos em *in absentia* numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 1972, p. 143).

Figura 2 - Esquema combinativo dos eixos



A partir de Saussure, com suas relações conceituais, fundou-se o estruturalismo nas ciências da linguagem, em especial na França. Foi com o francês Charles Bally (1865 - 1947), um dos organizadores / editores na elaboração do CLG, um atuante na recepção francófona da teoria de Saussure, que o estruturalismo tomou impulso. Bally preconizou uma concepção da linguística inteiramente voltada para o estudo das produções verbais, em contrapartida, concordava com seu mestre genebrino ao dar à escrita um tipo de tratamento relativamente aproximado ao da fala. Apontou para a estilística, situando-a ao lado da fala, pois a primeira se relacionava com a subjetividade linguística e para sua análise havia de se adentrar o domínio da língua falada. Nesse sentido, Bally distinguiu na língua falada duas esferas, afetiva e subjetiva, sendo, então, diante dessas duas esferas que a estilística deveria trabalhar. Bally definiu de maneira particular, então, a estilística como “Estudo dos fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidades” (BALLY apud DUBOIS et al., 2006, p. 237).

Considerações finais

Uma malha de acontecimentos tece, da gramática comparada às ideias de Saussure, o desenho menos evidente e mais sério da

Linguística contemporânea. Muitos, que neste texto foram apontados, deram um parecer sobre o que se fez/fazia no campo de estudo das línguas; relativamente poucos trouxeram mudanças tão consideráveis a ponto de tê-las como responsáveis por conhecimentos formalizadores de saber, como no caso de Ferdinand de Saussure; outros levaram às últimas consequências ideias menos aceitáveis (prováveis) sobre o desenvolvimento da linguagem humana e de sua capacidade plástica de modificação, tal como Schleicher, de modo semelhante a Bopp. Nesse horizonte, o tecido carrega a força necessária para ilustrar a capacidade heurística das principais correntes de pensamento que trouxeram para a Linguística seus mais extensos limites de atuação. Em franco diálogo com os mais diversos saberes, a Linguística não apenas se propôs a investigar a língua *stricto sensu* (fechada em si mesma) como se ocupou dessa no meio social.

Então, as “concepções de língua e linguagem nos estudos linguísticos: da gramática comparada a Saussure” oferece um panorama dos pontos mais significativos de encontro e desencontro entre teorias e teóricos quanto a questões relacionadas ao uso, ao emprego e à descrição metalingüística de fenômenos presentes nos processos comunicativos e, conseqüentemente, à língua e à linguagem. Por isso e por ter seu valor de conservação e de atualização histórica, converte-se em um tipo de texto que pode ser, para além de uma introdução, um texto para rápidas consultas e para curtos esclarecimentos, como se pode notar pelo seu percurso interno. Assim, devemos, como vimos, rastrear os estudos da língua na linguística se quisermos compreender algumas concepções de língua e linguagem e, conseqüentemente, empregá-las.

Entre as noções de língua e linguagem da gramática comparada até a consolidação

da linguística moderna por Saussure aqui auferidas, podemos destacar as advindas do comparativismo de William Jones, Friedrich von Schlegel, August Wilhelm Schlegel, Rasmus Rask e Franz Bopp cujo cerne da percepção era a língua como um organismo vivo e capaz de incorporar e assimilar mudanças; nesse âmbito a investigação voltava-se para encontro da língua original ou língua primeira. Do outro lado, Wilhelm von Humboldt, William Dwight Whitney, Arsène Darmesteter, Michel Bréal, Paul Jules Antoine Meillet, Ferdinand de Saussure, Charles Bally, Émile Benveniste, Oswald Ducrot voltaram-se, cada qual a sua maneira, ao caráter social da língua e para o funcionamento da linguagem, legando para os estudos linguísticos várias perspectivas de investigação dos fenômenos associados ao uso da língua. Com esse breve recenciamento não queremos dizer que uma vertente comparativista tenha gerado menores contribuições que a vertente mais social de estudos da linguagem, apenas apontamos para os alvos diferentes que cada uma possuía.

Diante das concepções de língua e linguagem nos estudos linguísticos (da gramática comparada a Saussure), “É provável que tenhamos aprendido mais sobre a língua do que conseguiram fazê-lo nossos antepassados em dois mil anos, e não há razões para achar que esse ritmo esteja se reduzindo no momento atual” (TRASK, 2011, p. 179). Como disse Orlandi (2012), o interesse pela linguagem não é recente, volta-se aos séculos, antes de todo o caminho aqui destacado, e, se ainda esse interesse se mantém vivo, não há dúvidas, continuará por muito tempo, o que quer dizer que teorias estão por vir, mas que não se deve esquecer o trajeto percorrido, pois a “antítese” carrega algo da “tese”, estando essa, ainda que minimamente, presente em sua “síntese”.

NOTAS

¹Há uma flutuação terminológica no CLG, que por vezes chama “signo” a união entre significado e significante, enquanto outras vezes “signo” parece referir-se apenas ao significante.

REFERÊNCIAS

- CARBONI, F. **Introdução à Linguística**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. Trad. I. Blikstein et al. São Paulo: Cultrix, 2006.
- GUIMARÃES, E. A linguística é uma ciência histórica? *In*: BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora RG, 2008.
- LEROY, M. **As grandes correntes da linguística moderna**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; USP, 1979.
- ORLANDI, E. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Pêcheux hoje**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.
- PLATÃO. **Crátilo, ou sobre a correção dos nomes**. Trad. Celso de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2014.
- PAVEAU, M-A; SARFATI, G-E. **As grandes Teorias da Linguística: da Gramática Comparada à Pragmática**. Trad. Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.
- ROUSSEAU, J-J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SOARES, T. B. **Concisa apresentação da linguística: um panorama da gramática comparada à pragmática**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- TRASK, R. L. **Entendendo linguística**. Trad. Ana Carolina Gasonato. São Paulo, Leya, 2013.
- WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.